O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

AVENÇADO

ANO 39.º — N.º 1972

Sábado, 21 de Dezembro de 1946

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

E A REVOLUÇÃO CONTINUA

Dar terra aos que a não têm e a saibam produzir — eis o grande problema

Este povo português, que viveu três gerações sob o regime das promessas, vê agora o começo de realização de muitas das suas velhas aspirações. Ele solicitou, implorou escolas, hospitais, casas económicas, obras de hidráulica agricola, portos de comércio e de pesca, terra para cultivar, etc., etc. Pois de tudo isto se tem feito e está fazendo há vinte anos. O Estado Corporativo não dá mostras de fadiga; ao contrário: parece rejuvenescer de ano para ano, dada a insistência e ousadia das suas realizações. Que enorme tarefa de ressurreição a realizada já! Que de esperanças tangiveis se divisam para o futuro! E, no entanto, é ainda possivel nesta terra de esquecidos ver ressurgir das trevas, em ar de juizes-os políticos que levaram o país à degradação extrema e ao descrédito internacional! Adiante...

Eis agora em começo de solução um dos grandes problemas económico-sociais—o proporcionar a propriedade da terra aos casais de agricultores que a não têm. Trata-se, por agora, do melhor aproveitamento de 115 582 hectares de terrenos baldios e outros, plano a executar em cinco anos e que obriga o Estado ao dispendio de 169 000 contos em grande parte recuperáveis ao cabo dum periodo aproximado de 30 anos.

O problema agrário, na sua solução integral, é duma enorme complexidade e envolve variadíssimos aspectos. Nao temos que olhar para o que se faz lá fora em arranjos de improviso e de que hão-de resultar e resultarão fatalmente tremendos desastres económicos. Vamos neste caso metódicamente, com estudos demorados, mas conscientes, com experiências de resultados verificáveis como são os das colónias agricolas dos Milagres, em Leiria, e Martim-Rei, no Sabugal; enfim, vamos com soluções bem portuguesas, as mais adequadas à nossa maneira de ser e correspondendo às nossas possibilidades e necessidades.

E' grandioso o plano que nos anuncia agora o Ministério da Economia, mas, tenhamos conta: êle não é mais do que o começo de resolução dum grande problema nacional. Não é preciso dar pressas ao Govêrno nem ensinar-lhe o que tem a fazer. Ninguém tem maior pressa em resolvê-lo, ninguém dispõe dos elementos informativos de apreciação como êle para atingir a solução precisa.

Nós temos no Norte uma propriedade da terra excesssivamente pulverizada e uma camada de proprietários indigentes. Há anomalias como esta—da terra pertencer a um e as árvores pertencerem a outro. No Sul, o grande proprietário absenteista explora desalmadamente o rendeiro e o parceiro e com tais sistemas de exploração impede-se a valorização da terra pela introdução dos melhoramentos fundiários. Um e outro caso suscitam a intervenção do Estado, no Norte, para se operar o parcelamento da propriedade pulverizada em parcelas mínimas de exploração anti-económica; no Sul, para tornar de extensiva em intensiva a cultura de vastos tratos de terreno.

Esperem um pouco os apressados que trazem sempre na algibeira uma solução infalivel para cada problema. Tudo virá a seu tempo para ser executado com segurança.

J. C.

Preços astronómicos

—o—

A Câmara de Lisboa anunciou e procedeu na segunda-feira à venda de vários lotes de terrenos numa das zonas da cidade. Compareceram muitos compradores a disputá-los, tendo um deles, com base de licitação em 350$00 o metro quadrado, atingido a cifra de 3.572$00!

A nós não nos admira porque se o volfrâmio deu muito dinheiro o *mercado negro* não dá menos.

E' fartar, vilanagem!

Mário Duarte, Consul de Portugal em Pernambuco

Chegam-nos notícias do Brasil sôbre o acto da posse do novo consul de Portugal em Pernambuco, que é, como já tivemos ocasião de noticiar, o nosso conterrâneo dr. Mário Duarte, cujo nome e o da terra onde nasceu—esta linda Aveiro—temos a certeza de que continuará a honrar na grande República sul-americana.

Detalhes é impossível dá-los pelo espaço que ocupariam; só diremos, por isso, que foi imensamente concorrido de pessoas categorizadas, tendo-se o sr. dr. Pereira de Sousa dirigido ao empossado e à assistência nos seguintes termos:

Senhores:

A Comissão Estadoal do Conselho da Colónia Portuguesa de Pernambuco, a que me honro de pertencer, mais uma vez me conferiu o encargo de falar em seu nome, para saudar V. Ex.ª que vem ser, neste Estado, o defensor de todos os interesses legítimos dos seus jurisdicionados perante os Poderes Publicos da nação brasileira e o representante do Governo de Portugal. Assim, pois, tenho o agradável e honroso encargo de apresentar a V. Ex.ª, por uma forma colectiva, as Instituições Portuguesas, neste Estado, e a honrada Colónia de Pernambuco que, sem favor, é das que mais vibrantes e valiosas provas tem dado do seu patriotismo.

Ponhamos de lado frases empoladas, adjectivações e imagens estilisadas, para, em palavras singelas e simples, como as do povo das nossas aldeias, dizermos a V. Ex.ª o que nos manda o coração.

Todos os portugueses que aqui se encontram saíram de Portugal com a ansia de virem buscar a estas terras longinquas, que nós demos ao Mundo, a realização de um sonho, que lhes parecia impossivel obterem debaixo dos pinheirais e olivedos onde brincaram na sua infancia.

Filhos de um país de marinheiros, o mar é para nós, portugueses, uma tentação tão grande que poucos lhe sabem resistir. A principal razão é porque cinquenta por cento da população de Portugal tem de viver da agricultura e o trabalho agricola é extenuante, continuo e de resultados morosos e aleatórios.

A ciência dos homens conseguiu disciplinar a produção fabril, porque a máquina é obra sua; mas não conseguiu, ainda, disciplinar os elementos, que são obra do Creador, de modo a obter deles o grau ótimo de clima para que a terra produza uniforme e regularmente aquilo que se tornou indispensavel a uma vida melhor e de nível mais elevado.

Chuvas que não caiem das nuvens nas épocas em que são precisas ou veem dos céus em catadupas que tudo alagam e destroem; geadas tardias que queimam os gomos das videiras e pampanos em formação; trovoadas que fazem acamar as searas cujas espigas, já gradas, lhes não deixam reerguer os caules; fungos e bactérias que sugam as folhas, asfixiando os frutos ou granisos que os ferem de morte; febre aftosa que deixa as feiras sem gados e os talhos sem carne; gafeiras que dizimam os rebanhos e destroem as lãs; tabardilho que não deixa encher as salgadeiras ou ventanias que levam pelos ares, em turbilhão, as flores que começavam a abrir as corolas à fecundação, ou derrubam os frutos quando eles principiavam a crescer, são males que veem da Natureza e tiram ao agricultor os meios para que possa viver, quando não são os males sociais: a superabundancia sem mercados de escoamento, os conflitos internacionais, as guerras aduaneiras, a falta de transportes, que envilecem os prêços, que não bastam para as despesas da produção. Eis o que é a vida dos campos quási sempre num equilíbrio instavel.

Porém, em cada uma das 3.863 aldeias portuguesas há uma ou duas casas mais alindadas e comodas; uns campos cujos muros são mais caiados, a terra melhor amanhada, as ramadas mais bem feitas e viçosas.

—De quem é isto aqui?—podem perguntar.

A resposta vem logo:

—E' do *brasileiro*, meu senhor!... Era a casa do Manuel da Azenha cujo filho foi para o Brasil e está *pôdre de rico*! Já mandou concertar o campanário da igreja e deu um manto bordado a oiro à Sr.ª dos Remédios. Pela festa mandou vir o fôgo de Viana e a música dos Conceições, de Vizela. E faz bem à pobreza — canté!...

Quando êle regressa à aldeia, demorando nela dias apenas, porque tem que ir para *as águas* cuidar do fígado, dos rins ou do estomago, que por lá arruinou, todo bem vestido e barbeado, com uma senhora luxante, cheia de brilhantes nos dêdos e nas orelhas, que se pica nos tojos e não suporta o cheiro das côtes do gado, as mais só desejam que o seu Joaquim ou Eduardo se livrem *na sorte* ou se *rimam* da *vida militar*, para

IMPRENSA

A Aurora do Lima

Noventa e dois anos atingiu no domingo este confrade de Viana do Castelo, que ainda vive amparado aos 81 de Bernardo Silva. E' uma relíquia da terra e como tal foi comemorado o aniversário com um almôço de confraternização e homenagem ao seu director, que muito presamos pela maneira como se tem distinguido no posto que ainda hoje ocupa.

Cá de longe enviamos um afectuoso abraço ao venerando amigo, a quem Aveiro deve também bastante por nas colunas da velha *Aurora* nunca lhe haver regateado a sua simpatia.

O Concelho da Murtosa

Igualmente fez 20 anos—este está uma criança—o semanário que nasceu com a autonomia da importante região e *João Rico*, pseudónimo de João Pedro da Silva Tavares Primo, tem mantido à altura da missão que desempenha a-pesar-de nem sempre ter sido isento de dificuldades o caminho percorrido. Mas o *Concelho da Murtosa* pode ufanar-se de que a Justiça nunca faltou aos que se batem pelo Direito e proclamam a Verdade.

Felicitações e para a frente.

Os democratas...

Reuniram outra vez na capital sob a presidência do sr. general Norton de Matos, que tendo cumprimentado a autoridade presente, disse, entre outras coisas, que os democratas precisam de conservar o prestígio e a dignidade que teem mantido desde início.

Também achamos. Todavia se os democratas a que se referiu são aqueles que emporcalharam a República, puzeram o país a saque, praticaram toda a casta de imoralidades, de crimes e de falcatruas ou sancionaram tudo isso, envergonhando-nos e desacreditando-nos, olhe sr. general: com esses nunca mais queremos nada e aqui estaremos para os zurzir sempre que tentem voltar à actividade da sua política...

Cantem, cantem o hino, mas não se persuadam que hão-de perturbar nem o ritmo da governação do Estado e da ordem.

Bastou as provas dadas, que já não foi pouco!

Insistindo

Passam-se os dias, sucedem-se as semanas e o relógio do Mercado a dormir, a bom dormir, à espera que o consertem, como se impunha logo que se constatou o seu mau funcionamento.

Há coisas tão comesinhas que se torna fastidioso repisá-las; mas a verdade é que se não fôr assim ninguém se esforça por as remediar, tomando as necessárias providências.

Está neste caso, como acima referimos, o relógio do Mercado que ainda não foi consertado, a-pesar-dos reparos que já fizemos nas colunas dêste jornal!

Pergunta-se: por que se espera?

Petróleo a jorros

Está a chegar êste combustível em grandes quantidades, prevendo-se que daqui em diante nunca mais falte às exigências do consumo.

Assim viessem outros produtos com mais influência no aniquilamento do *mercado negro*.

Para ver se se evita lançar-lhe o fogo...

A jornada da Caridade

—o—

Enfim! Depois de dois adiamentos, a que motivos imperiosos obrigaram, sempre é amanhã que se realisa o anunciado cortejo de oferendas destinadas a auxiliar as casas de beneficência do concelho e no qual tomarão parte todas as freguesias, devendo o desfile iniciar-se às 10 horas e meia do largo do Rossio, onde é feita a concentração. Assiste o sr. Ministro do Interior, que aqui presidirá à distribuição de mais de 100 carros destinados aos inválidos do distrito e a quem será oferecido um almoço, cujo número de convivas ascende a algumas centenas, vindos da nossa circunscrição administrativa.

Em honra do mesmo membro do Governo, realiza-se hoje nos salões do grande Casino de Espinho, promovido por uma comissão de senhoras de Aveiro, Porto, Braga e Viana do Castelo um grandioso baile de gala a favor do Socorro Social, que o sr. tenente-coronel Botelho Moniz instituiu, tendo empregado até agora já 28 mil contos em obras de auxílio a inválidos, cosinhas económicas, albergues distritais, subsidios a instituições locais, auxílio a repatriados de Timor e a sinistrados de várias zonas, agasalhos, enxergas e auxílio à infância. Como se vê, uma obra que se impõe e deve impor o ministro à consideração do país, que tanto necessita de iniciativas desta natureza.

O *Democrata*, ao registar a sua vinda a Aveiro para assistir à passagem do cortejo de amanhã a favor dos desprotegidos da fortuna, apresenta-lhe cumprimentos, dirige-lhe saudações.

* * *

O programa oficial recebido depois de composta esta notícia, é do seguinte teor:

A's 10 horas — Chegada do sr. Ministro do Interior à ponte de Cacia e cortejo de automóveis até à cidade.

A's 10,30 — Revista à guarda de honra e recepção de cumprimentos nos Paços do Concelho.

A's 11 horas — Desfile do Cortejo de Oferendas.

A's 13,30 — Almoço em honra do sr. Ministro do Interior.

A's 16 horas — Entrega aos presidentes das Câmaras de 150 carros do Socorro Social aos invalidos.

A's 17 horas—Posse das comissões concelhias da U. N. nos Paços do Concelho, sendo a cerimónia presidida por S. Ex.ª o Ministro, estando presente a Comissão Executiva da U. N.

A população portuense

recebêrá agora azeite

Estão já em distribuição as capitações de óleo, açucar, arroz, massa, bacalhau e sabão.

Fazendo-nos eco duma justa pretensão da população portuense, referimo-nos há dias à conveniência de as competentes entidades oficiais providenciarem no sentido de ser feita agora nesta cidade uma distribuição de azeite, tendo-se, assim, em devida conta às inevitáveis exigencias da economia doméstica na quadra festiva do já próximo Natal. Essas providências, felizmente, não se fizeram esperar por muito tempo, pois, segundo informação da Delegação no Porto da Intendência Geral dos Abastecimentos, começará já hoje a ser entregue aos retalhistas desta cidade o azeite que, ainda durante a decorrente semana, deverá distribuir-se pelo público consumidor.

Entretanto, estão já em distribuição os géneros racionados referentes ao mês corrente e nas seguíntes capitações: um quilograma de açucar; 550 gramas de arroz; 900 de bacalhau; 500 de sabão e 200 de massa. Encontra-se igualmente em distribuição o óleo correspondente ao mês de Novembro, na capitação de dois decilitros.

O que aí fica, transcrito de *O Primeiro de Janeiro* de quarta-feira é apenas para se confrontar com o que por cá vai neste capítulo — *Abastecimentos* — pois basta acentuar-se que ainda não foi distribuido o contingente de azeite referente ao mês de Outubro.

Benemerência

Com o pagamento da sua assinatura, recebemos do sr. José de Oliveira Barreto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Viseu e que esta semana esteve em Aveiro, a importância de 20$00, que destinou aos pobres protegidos pelo nosso jornal.

Duplamente reconhecidos.

* * *

Também deram entrada no mesmo mealheiro mais 50$00 que, por intermédio do sr. António Braz, foram enviados do Congo Belga por sua filha e genro, sr. António Diniz.

Gratos pela generosidade.

Arte musical

—o—

No segundo concerto da presente temporada, proporcionou a delegação do Circulo de Cultura Musical aos amadores aveirenses, que se veem acreditando cada dia mais acentuadamente como apreciadores conscienciosos e entusiastas da arte musical, uma excelente audição do violoncelista Dimitra Markévitch.

Pertencente a uma família de artistas, irmão do maestro e compositor Igor Markévitch, cujos méritos a crítica da capital unanimente confirmou e celebrou, o jovem violoncelista, de 22 anos, conquistou o publico aveirense, que o aplaudiu calorosa e prolongadamente. Quer vencendo dificuldades técnicas só ao alcance de verdadeiros *virtuoses*, quer pela sensibilidade de interpretação, Markévitch mostrou qualidades excepcionais, que o publico soube reconhecer e aplaudir.

Mais excepcionalmente ovacionados pelo brilho da execução, devemos salientar do programa *Adágio e Rondo*, de Weber, *Campanella*, de Paganini (arranjo de Markévitch), o belo, *Estudo*, de Scriabine e a modernissima *Polka*, de Schostakovitch. Todo o programa alcançou, porém, o agrado da assistência.

Ante os aplausos vibrantes que recebeu, deu extra programa, com interpretação de rara beleza, *Aprés un rêve*, de Fauré, e ainda *Dança russa*, de Liadow.

Fernando Eucher, ao piano, merece também, uma justa menção.

* * *

O próximo concerto pelo consagrado pianista L. Varela Cid deve efectuar-se em Janeiro do próximo ano.

Além túmulo

José Meireles

Passou na quarta-feira, como dissemos, o 1.º aniversário da morte do antigo presidente do *Sport Club Beira-Mar*, onde prestou relevantes serviços, assim como noutras colectividades, que também muito lhe ficaram a dever.

Efectuou-se a anunciada visita à campa onde repousa no cemitério sul em que tomaram parte alguns dos seus amigos mais dedicados, que observaram dois minutos de silencio e colocaram um ramo de flores.

Singela homenagem, mas significativa.

As festas da Sr.ª das Febres

—o—

A comissão que êste ano as levou a efeito, composta de José da Naia Sardo, Joaquim Gonçalves, João da Costa, João da Naia Sardo, Manuel Reis da Rosária e Manuel Testa, agradece a todos os que contribuiram com os seus donativos e torna público que com o saldo existente mandou fazer instalações eléctricas em três altares da capela e pintar os dois frontais em fustão de sêda para dos dêles e mandou pintar portas e janelas.

E' para agradecer.

A tangerina

Diz-nos João de Coimbra na sua secção do *Despertar*, da mesma cidade, que pela fruta-mexerica—como lhe chamam os brasileiros—pedem já 10$00 por cada quarteirão! E admira-se, gritando aos fiscais das subsistências que acudam.

Pois cá em Aveiro não custam 10$00—custa 17$50 a mesma quantidade!!!

Sete tostões cada uma!

Para quem quer e gosta...

Visitai o Parque da Cidade

irem empenhar os cordões e as arrecadas e metê-los numa terceira classe de um vapor que se faça de rumo ao Brasil, sem adivinharem, sequer, quantas bagas de suor, noites de febre do cançasso, os desconfortos, as renuncias que teve de fazer o filho do Manuel da Azenha para vencer os obstaculos que se lhe levantáram no caminho que percorreu impelido, apenas, pela saudade do seu casebre de colmo onde, menino, brincou e dos silvedos onde colheu amoras silvestres.

Venceu. Triunfou, e na sua terra os companheiros de infancia, invejosos, não poderão chamar-lhe *brasileiro da mão furada que foi ao Brasil e voltou sem nada.*

Mas a par dele, quantos e quantos, no exaustivo esforço de ajudarem a escrever a grande epopeia da construção de um Brasil maior, não caíram para sempre, tendo nos ultimos delirios do raciocinio e nos desvairos da inteligência, prestes a findar, a ilusão de que as resas feitas à sua cabeceira são o gemer das noras, regando os milharais viçosos ou o canto dos rouxinois por noites estreladas do fim da Primavera, dentre os salgueirais e sabugueiros em flôr.

Quantos, ficaram nos estreitos oito palmos de uma sepultura, esquecidos de todos, sem uma lápide, sem uma cruz, apenas uma colcha verde de relva que nasceu sôbre ela e sôbre a qual, uma vez por outra, a madrugada deixa cair umas lágrimas de orvalho, como protesto de Deus contra a ingratidão e a injustiça dos homens?...

Quando em 1939 se pensava em qual deveria ser a contribuição dos portugueses do Brasil para a celebração dos Centenários, estando eu em São Paulo, quizeram saber da minha opinião a tal propósito; e com agrado geral e aplauso, depois, da Colónia Portuguesa de Pernambuco, fui de opinião de que se deveria construir em Portugal um abrigo para a velhice daqueles que, tendo vivido honesta e dignamente no Brasil, tinham chegado ao fim sem terem tido o bafejo da sorte que lhes garantisse uma casa e uma mesa, pelo menos, suficiente.

Outra foi a solução; e de uma providência tal nunca as leis de protecção social cogitaram, sequer.

Infelizmente, no espírito dos metropolitanos, desde sempre, tem vivido enraizado o falso conceito de que a nação nada deve aos que sairam dela, antes é sempre credora deles.

Se o portuguès quer voltar para a sua terra, mas tem aqui filhos, seguindo cursos, dificilmente lá lhe reconhecem validade ao que por cá já estudaram; por isso não vai—fica.

A burocracia do ensino, adstrita aos regulamentos e à falta de reciprocidade, levanta entraves e obstaculos sem sequer se preocupar com o mal que está fazendo!

Se já teve direitos políticos e continua a ter todos os requesitos legais para isso, fica sem eles, pelo simples facto de ter estado ausente por cinco anos, muito embora, na vespera das eleições, o presidente da Junta de Freguesia ou da Câmara Municipal lhe vão pedir um donativo valioso para qualquer melhoramento publico.

E' português para pagar, mas não tem o direito de votar!... E agora, que a nova Constituição Política Brasileira no seu artigo 199, n.º 4 concede aos portugueses a faculdade de se naturalisarem desde que tenham idoneiedade moral e sanidade fisica com um ano, apenas, de residência no Brasil, era de tôda a conveniência que alguem se lembrasse de apresentar um projecto de lei à Assembleia Nacional—que não traz aumento de despesa nem diminuição de receita—de modo a acrescentar ao art.º 22.º do Código Civil um paragrafo: —*As disposições deste artigo não se aplicam aos portugueses que se tiverem naturalisado brasileiros.*

Ficaria, por esta forma, estatuida a tão ambicionada *dupla nacionalidade.*

Ex.mo Sr. Consul: não vejo nestas minhas palavras a mais ligeira censura à governação publica de Portugal.

Fiz parte da Embaixada das Associações Portuguesas do Brasil que em 1937 foi a Lisboa levar o seu apoio a S. Ex.as o sr. Presidente da Republica e Dr. Oliveira Salazar, êste, que, ao receber-nos, nos disse que razão se poderia dar aos portugueses que se julgam esquecidos da Pátria, mas que, a-pesar-disso, a amam com mais redobrado amor. Ele, portanto, sabe como isto tem alguma razão de ser.

Só maus portugueses ou aqueles que não refletem um momento é que esquecem que Portugal, por melhor que seja a sua situação material e financeira, há-de sentir, ainda por muito tempo, os efeitos terriveis da guerra na Europa de cujo continente faz parte e que, a-pesar-de todos os pesares, Salazar soube ser o seu guia, realizando o milagre de ter auxiliado, valiosamente, a causa dos Aliados, como eles proprios reconhecem, sem ter reduzido as nossas vilas e cidades a um montão de escombros e sem ter coberto de dor, de lágrimas e de luto o território nacional. Quando nada mais tivesse feito, isto, só, bastaria para que ninguem ousasse criticar a sua obra!

Tomar conta de um país em ruínas, que 16 anos de uma demagogia desenfreada e criminosa levaram à situação de ter uma dívida de mais de 7 milhões de contos, que herdara de 696.000, uma dívida externa flutuante de mais de 2 milhões de contos, que herdára de 82.000 e uma circulação fiduciária, que passou de 78.000 contos para 1.840.000, demagogia que só no *Diário do Governo* de 10 de Maio de 1919, em 30 suplementos, nomeou 17.000 funcionários publicos, porque no Parlamento, de que faziam parte os que andam agora pelo Brasil e America do Norte procurando desacreditar uma administração honesta e sadia, umas vozes gritaram;

—*Nós também queremos comer!*

E comeram, à farta, a ponto de deixarem o país arruinado!

Agora que sentem que há reservas de milhões de contos e nada se deve no estrangeiro, que temos uma moeda com um dos mais elevados lastros entre as nações do Mundo e que Portugal está reconstruido, querem voltar a comer!

Não estão desnutridos democráticamente: ficaram abalados da indigestão que sofreram, e têm a pagar os milhares de pesetas que receberam adeantado dos Echevarrietas e de outros, para fundir Portugal na Federação das Repúblicas Soviéticas Ibéricas. E porque, cá por fóra se cria uma opinião errónea do regimen português que é tão democrático como o daqueles paises que se dizem vanguardeiros da democracia, porque não confunde a liberdade com o desrespeito, é urgente e necessário fazer-se a propaganda intensiva daquilo que somos e pretendemos ser.

Não estamos *em bicos de pés* para fingirmos estatura que não temos e, por tal modo, conseguirmos que os outros reparem em nós. Queremos viver sossegados e que os amigos da Democracia Portuguesa não esqueçam, com êsse novo amor, aquele que devem à sua própria. Queremos viver em paz dentro das nossas fronteiras que devem ser respeitadas porque não nasceram de improvisações em conciliabulos internacionais, que há oito séculos são nossas e por nós unificadas quando ainda a Espanha, a Itália e a Alemanha eram mantas de retalhos. Mas, para tal propaganda ser feita, é indispensável que Portugal tenha no estrangeiro representantes condignos, com aquela dotação que é indispensável para poderem incrementar essa propaganda que não se faz sómente com *boa vontade.*

Não podemos ter uma representação faustosa, porque somos modestos; mas a condigna da nossa abastança, essa precisamos dela, imperativamente.

E' velho modo de dizer: tal te vejo, tal te trato!

Dentro desta ordem de ideias, os portugueses de Pernambuco confiam em que V. Ex.ª saberá dizer ao seu Govêrno que esta nossa maneira de pensar e de sentir não diminue o entusiasmo, a admiração e a gratidão que lhe devem por tudo quanto de bom e de grande tem feito para reconstruir uma nação que recebeu em ruinas e nos ter dado uma Pátria elevada no conceito internacional pela honradez com que sempre soube cumprir as obrigações do seu tratado de aliança com a Inglaterra e contribuir para a Paz e Civilização do Mundo, e que estão decididos a colaborar com V. Ex.ª para que, sob a sua orientação cuidadosa e patriótica, possamos merecer do Brasil, que é sangue do nosso sangue e carne da nossa carne, o reconhecimento por tudo quanto temos feito e continuaremos a fazer pela grandeza e prosperidade dele e V. Ex.ª, por sua vez, possa bendizer a hora em que veio servir Portugal em Pernambuco.

Mário Duarte respondeu assim:

Escutei com o maior interesse as judiciosas palavras do ilustre advogado sr. dr. Pereira de Sousa, que representam não só uma mensagem de boas vindas, como o desejo da Colónia Portuguesa do Recife em vêr na pessoa do Cônsul de Portugal o esteio de realizações futuras que mantenham e, se é possível, consolidem ainda mais o prestígio da Pátria e as tradicionais relações de amizade entre Portugal e o Brasil.

E' notório o sentimento patriótico da Colónia Portuguesa do Recife. As demonstrações públicas de filial afecto à Pátria têm sido constantes e invariáveis, e foram tão sinceras há 24 anos quando da chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, como há uns escassos 43 dias quando da visita do nosso Embaixador.

E' também visível o sentimento de afeição ao Brasil desta Colónia Portuguesa do Recife. O Gabinete Português de Leitura, o Hospital Português de Beneficência e o Club Português, além de constituirem padrões que orgulhosamente enaltecem as qualidades realizadoras da Colónia Portuguesa, são também instituições que muito contribuem para embelezar, sob o aspecto cultural, beneficente e recreativo, esta linda cidade do Recife, que até para ser mais formosa a meus olhos é etravessada por pitorescos canais que por caprichos da natureza evocam saudosamente a linda cidade de Aveiro onde nasci.

Poderia mencionar muitos outros padrões dessa afeição dos portugueses pelo Recife; para não ser muito extenso apenas desejo citar o elegante e eloquente monumento que perpetua a 1.ª travessia do Atlântico Sul pelo ar; a antiga Tuna Portuguesa que se pretende reviver, devidamente remodelada, e ainda o Club Ssportivo Almirante Barroso aonde, como eu vi no dia das regatas, flutua a bandeira de Portugal ao lado da bandeira do Brasil, num símbolo de fraternização a que a bandeira do Club empresta aquela lealdade que caracteriza a gente do sport e mormente a gente do mar, dêsse Atlântico onde os navegadores portugueses triunfaram em gloriosas provas que abriram novos Mundos ao Mundo.

* *

Falei resumidamente dos sentimentos da Colónia Portuguesa pela Pátria e pelo Brasil.

Deixei para o fim, mais resumidamente ainda, para não vos enfadar, os meus sentimentos para com a Colónia Portuguesa e para com o Brasil.

* * *

Nos postos em que já tive a honra de representar Portugal, em La Guardia, Port-of-Spain, Berlim e Havana, procurei sempre que o Consulado de Portugal fôsse também *casa dos portugueses.*

Que um português, ao entrar no Consulado, experimentasse aquele prazer de alma que o nosso imortal Camões traduziu nestes admiráveis versos:

Alegria que não pode ser tamanha
De encontrar gente amiga em terra estranha.

A tarefa aqui é diferente. A mesma língua, a mesma religião, parecidos os costumes e até o Recife, como já disse, se parece também ao meu Aveiro. E, além disso, um Gabinete de Leitura, um Hospital, um Club e uma Colónia de portugueses que pelo seu honrado trabalho e pelo seu prestígio muito facilitam a tarefa de um Consul que ame a sua carreira.

* * *

As provas dos meus sentimentos de facto pelo Brasil estão ainda tão vivas que desnecessário será pormenorizá-las: bastará referir que, de Fevereiro de 1942 a Fevereiro de 1945, me foi confiada, em Berlim, a honrosa incumbência de defender os interesses dos cidadãos brasileiros na Alemanha e nos paises ocupados pelas fôrças do Reich, e que raro será o brasileiro domiciliado na Alemanha, na Polónia, na Austria, etc., que não tenha uma prova do carinho com que procurei levar a cabo essa missão.

* * *

Para terminar, resta-me fazer-vos esta promessa: com a ajuda de Deus procurarei corresponder à confiança e aos desejos manifestados na clarissima exposição do sr. dr. Pereira de Sousa, trabalhando juntamente com V. Ex.as pela consolidação das tradicionais relações de amisade entre Portugal e o Brasil, prestigiando a minha carreira e honrando, desse modo, o multi-centenário do país a que pertencemos e a Colónia Portuguesa do Recife, cujas associações aqui representadas e cujos membros presentes, ou que pelos seus afazeres não puderam comparecer, eu saudo com muita simpatia e com grande apreço.

Estes discursos foram vivamente aplaudidos, sendo Mário Duarte afectuosamente cumprimentado.

Agradecimento

Alberto Vaz Pinto, ao sair do Hospital, vem publicamente testemunhar a sua gratidão ao ilustre cirurgião Ex.mo Sr. Dr. Nogueira de Lemos e ao seu médico assistente Ex.mo Sr. Dr. Manuel Soares, pelo êxito da operação a que foi submetido e pela forma como foi tratado.

Aproveita o ensejo para agradecer ao pessoal daquele estabelecimento a maneira carinhosa e atenciosa como prestou os seus serviços e bem assim às pessoas que ali acorreram a visitá-lo e às que se interessaram pelo seu estado.

A todos—médicos, pessoal hospitalar e pessoas amigas—aqui deixa exarado o seu reconhecimento.

Aveiro, 14—Dezembro—946.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. Aurélio Costa e Laurélio Guimarães e o menino Eduardo Andias Meireles, filho do sr. Hermenegildo Meireles; no dia 23, a sr.ª D. Maria Helena Ferreira Henriques, esposa do hábil clínico sr. dr. Joaquim Henriques; a a menina Rosa Maia, filha do sr. João da Cruz Maia, e o nosso amigo Aníbal Rezende, antigo republicano de Oliveira de Azemeis; em 24, a sr.ª D. Berta Ferreira da Cunha Pereira, esposa do sr. António Marques Pereira, tesoureiro da filial do Banco N. Ultramarino de Viana do Castelo; o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão, e a interessante Maria José de Pinho Manica, filha do sr. Teotónio Manica, 2.º sargento de Infantaria 10; em 25, a sr.ª D. Rosalina da Conceição Neto, esposa do sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal, e o nosso presado amigo dr. Mário Duarte, consul de Portugal em Pernambuco, (E U. do Brasil) e a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Lemos, ausentes em Cassequel (Angola); em 26, a sr.ª D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do comerciante sr. Benjamim Fidalgo; os srs. António Guimarães e Estêvão Rebelo de Almeida, industrial de panificação, e o filho E'lio, do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara; e em 27, a sr.ª D. Júlia de Oliveira e Silva, canhada do sr. Artur Marques da Silva, inspector dos caminhos de ferro do Vale do Vouga, e o sr. Alberto Ferreira Barbosa.

Casamentos

Na capela do Paço Episcopal teve lugar, segunda-feira, o consórcio da interessante tricaninha Antónia Maria Ferreira do Vale, antiga componente do Grupo Cénico do Club dos Galitos, que levou à cena a revista Ao cantar do Galo, e filha do sr. António Ferreira do Vale, com o sr. Júlio Ferreira Leite, industrial de Oliveira de Azemeis.

Foi celebrante o sr. D. João de Lima Vidal, arcebispo bispo da diocese, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a professora sr.ª dr.ª D. Maria José Ferreira de Abreu, da Mealhada, e o comerciante sr. Augusto de Pinho Varela; e pelo noivo a sr.ª D. Maria Antónia Carqueja de Abreu de Lima Valente e marido o sr. dr. Manuel Valente, médico em Oliveira de Azemeis.

Finda a cerimónia foi servido aos convidados um copo de água, havendo troca de brindes.

Muitas felicidades.

— Também ante-ontem se efectuou o casamento da menina Maria Emília Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja, funcionário da Câmara, com o sr. João Luís de Rezende Júnior, sub-chefe da P. S. P., aposentado.

Que a felicidade os bafeje.

— Em Sangalhos efectuou-se no último sábado o enlace da sr.ª D. Maria Dora Moreira Caniço, interessante e prendada filha da sr.ª D. Laurinda Moreira Caniço e de seu marido o abastado capitalista e proprietário, sr. João Caniço, com o sr. dr. Alvaro Neves, sub-delegado do P. da República na comarca de Anadia.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios sr. António Correia, tesoureiro de Finanças na Régua e esposa sr.ª D. Felismina Moreira, e pelo noivo seu pai sr. dr. Manuel das Neves, advogado na nossa comarca, e a mãe da noiva.

O sr. dr. Alvaro Neves, que se licenceou em Direito na Universidade de Coimbra no último ano lectivo, marcou na geração a que pertence pelas suas qualidades de carácter e inteligência, qualidades estas que lhe têm grangeado a estima e consideração de todos aqueles que o conhecem.

Finda a cerimónia, foi servido aos numerosos convidados, em casa dos pais da noiva, um fino e abundante copo de água, durante o qual os recem-casados foram vivamente saudados pela assistência.

A corbeille era constituída por um montão de prendas, valiosas e de utilidade.

Aos conjuges, que em seguida partiram, em viagem de núpcias, para o norte, desejamos tôdas as felicidades de que são merecedores.

O frio

Não é só na Serra da Estrela que se tem feito sentir, visto que por cá êsse flagelo também ataca os corpos sem dó nem piedade.

E' o Inverno a fazer a sua obrigação.

Na altura própria.

Club dos Galitos

A rifa da máquina *Bernina* que devia ser feita pela Lotaria do Natal fica adiada para a Lotaria de Santo António, em 1947.

Aveiro, 20 de Novembro de 1946

A DIRECÇÃO

NECROLOGIA

No bairro piscatório finou-se, quarta-feira, de madrugada, José de Pinho das Neves, que há muito vinha sofrendo de grave enfermidade.

Mais conhecido por *José Pisão*, era proprietário do *Restaurante Moderno*, impondo-se à consideração de toda a gente pela sua extrema bondade, pela delicadeza das suas maneiras, pela afabilidade do seu trato e por outros predicados que só lhe grangearam simpatias. Era o que se chama um bom homem em toda a extensão da palavra. Bom, são e honrado, a-pesar-da sua modéstia, da sua humildade.

Tombou agora no túmulo aos 61 anos, depois de ter sofrido profundos desgostos com o desaparecimento de duas idolatradas filhas, em plena mocidade.

O populoso bairro, sentiu também, a sua morte, fazendo-se largamente representar no enterro, efectuado ao cair da tarde do mesmo dia para o cemitério central.

A' sua viuva e demais família do extinto, as nossas sentidas condolências.

* * *

Em Lisboa igualmente deixou de existir, esta semana, com 59 anos, o sr. dr. Orlando de Melo Rego, distinto advogado naquela cidade.

Pertencia a uma respeitável família de Eixo, para onde, na quarta-feira, veio trasladado o cadáver, que antes de dar entrada no respectivo jazigo do cemitério da freguesia, recebeu as últimas homenagens dos seus conterrâneos.

O dr. Melo Rego deixou viuva e alguns filhos, sendo muito considerado não só na sua terra como também na capital onde residia.

Aos doridos, o nosso cartão de pêsames.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Joaquim Esteves, casado, de 67 anos; em *Aradas*, Maria dos Santos, viuva, de 92, e em *S. Tiago*, Manuel Simões de Pinho, solteiro, de 60.

Aviso

Tendo deixado de fazer parte da orquestra *Os Papagaios*, de S. Bernardo, o acordeonista Reinaldo Saraiva, os interessados não se devem dirigir, para novos contractos, àquele cavalheiro, mas sim a José Lopes Soberano, o *José Vivo*.

OS PAPAGAIOS

Correspondências

Esgueira, 17

No próximo domingo deve aqui vir efectuar um encontro de *basket* com o grupo local o *Club Desportivo*, de Estarreja.

E' a contar para o Campeonato Regional.

— No vizinho lugar de Mataduços deu à luz com muita felicidade o seu 12.º filho a esposa do comerciante, nosso amigo Afonso Ferreira da Silva.

Que lhe preste.

— Continua doente, mas tem experimentado algumas melhoras, a esposa do sr. António Carvalho da Silva.

— Faz amanhã anos o filho do nosso amigo Américo Ramalho.

C.

Secção Desportiva

Basket-Ball

Teve início, domingo, o Campeonato Distrital, com os seguintes jogos: em Aveiro, o grupo de Esgueira depois de uma boa exibição venceu o *Club dos Galitos* por 42-18 e em Espinho, o *União D. Oliveirense* venceu a *Associação Académica* por 44-10. Não se efectuou o encontro entre os grupos de Estarreja e Sangalhos.

Para amanhã estão marcados os seguintes: em Esgueira, *Desportivo*, de Estarreja - *Esgueira;* em Oliveira de Azemeis, *Oliveirense — Galitos*, e em Sangalhos, *Sangalhos D. Club* e *Associação Académica*.

Favoritos: *Esgueira, Oliveirense* e *Sangalhos*.

A.

Aumento de capital

—o—

Por escritura feita hoje nas notas do notário de Aveiro, dr. Inocêncio Fernandes Rangel, foi elevado para 2.000.000$ o capital da sociedade por cotas de responsabilidade limitada denominada *Estaleiros S. Jacinto, Limitada*, com sede na Praia de S. Jacinto, concelho de Aveiro, que era de 1.200.000$ integralmente realizado, e cujo aumento, que é de 800.000$00, foi subscrito por todos os sócios, ficando o capital distribuido pela forma seguinte:

200.000$00, cada um dos sócios Diogo Pessanha, Luís Pessanha D. Maria Pessanha Braamcamp Sobral e Augusto Fernandes Bagão.

850.000$00, Carlos Roeder.

100.000$00, cada um dos sócios Alvaro de Bettencourt Leite Pereira de Ataíde (herdeiros), Jorge Fraucisco Gomes Pestana e Paula Dias & Filhos, Limitada.

50.000$00, João Rocha dos Santos.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1946.

O Ajudante da Secretaria Notarial

José Robalo Lisboa Júnior